

As alternativas e a síndrome das Ceilândias

As alternativas econômicas de longo prazo para o DF necessitam ter perfis muito especiais, em razão da própria singularidade da capital do País, como região quase totalmente urbana, eminentemente terciária e muito diferenciada no contexto nacional pelo alto nível de renda *per capita* e elevado índice de alfabetização.

Embora as próprias características centralizadoras do pólo industrial do Sudeste do País eliminem grandes expectativas quanto à viabilidade de outros pólos, restaria não obstante ao DF o preenchimento de alguns espaços de produção.

Seriam, basicamente, os espaços da micro-empresa semiartesanal para produção de consumo popular (confeções, calçados, alimentos, etc) e, em função de resultados futuros, a implantação de núcleos de tecnologia de ponta, que se traduzem no Brasil de hoje por empresas de informática, de biotecnologia, e de produção cultural no que diz respeito ao controle da tecnologia de mídia, principalmente TV.

Quanto a tecnologias de ponta trata-se de uma corrida contra o relógio e contra outras regiões já avançadas no processo.

Não obstante há possibilidades de coroar-se de sucesso a implantação de um núcleo de biotecnologias apropriadas ao manejo das regiões de cerrado, como por exem-

plo, na produção de sementes selecionadas, fruticultura e horticultura climatizadas, etc.

A mesma função de centro aglutinador e distribuidor poderia ser provida pelo comércio e beneficiamento de safras agrícolas, provenientes de todo o Centro-Oeste, com destino final no Nordeste e na Amazônia. As estradas do plano rodoviário federal, zerando a quilometragem em Brasília, apresentam economias de 1.000 e até 2.000 km em relação aos atuais centros abastecedores do Centro-Sul do País. Para tanto estão aí sub-utilizadas estradas caríssimas, à espera de uma operacionalização lógica do transporte interno e internacional, como a Brasília-Cuiabá-Porto Velho, a Brasília-Salvador e a Belém-Brasília, as duas últimas com acesso a portos marítimos, com impressionante vantagem em distância em relação aos portos de Santos e do Rio de Janeiro.

Uma terceira possibilidade que Brasília poderia ofertar diz respeito à produção cultural economicamente intangível, em áreas que apenas hoje Rio e São Paulo tentam sistematizar, como no caso de escolas e estúdios para aprendizado e domínio da tecnologia de mídia televisiva. O mesmo pode ser dito quanto à difusão da música erudita e popular, áreas em que Brasília vem apresentando um bom desempenho.

E, por que não, (como aliás já vem se adiantando o atual Governo), nas áreas de tecnologias alternativas, incluindo centros de estudos parapsicológicos, teológicos e místicos, ramos de investigação estratégicos nos EUA, na Europa e na União Soviética e até hoje totalmente ignorados no Brasil, pátria do cientificismo insofocável.

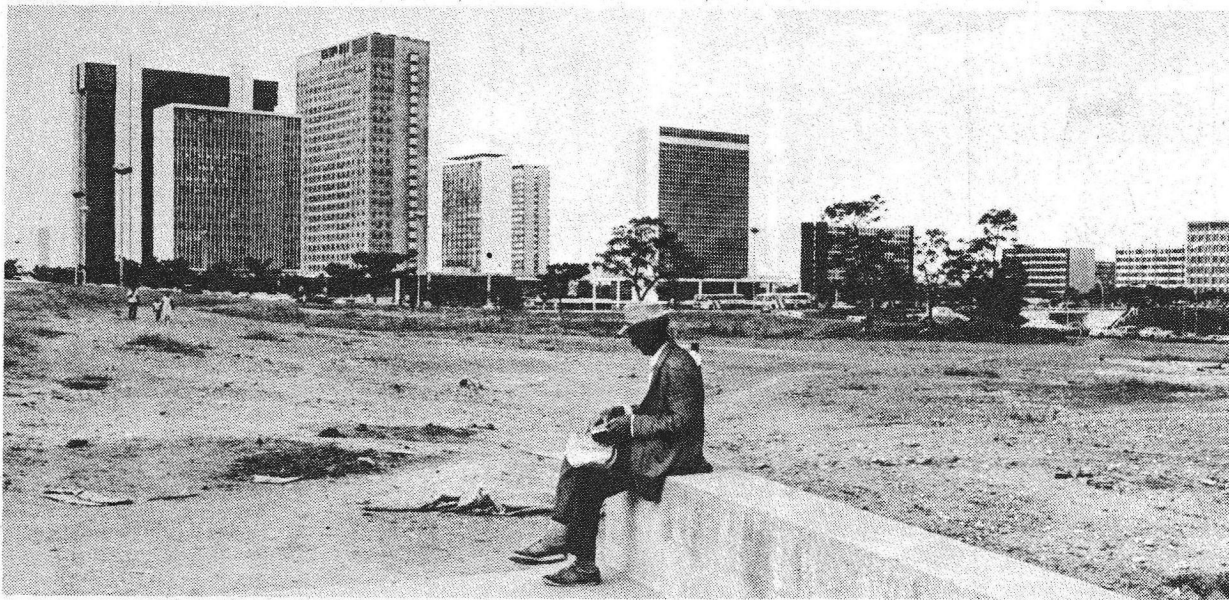
Assim, Brasília comporta uma série de opções dentro de um leque bastante aberto de possibilidades decorrentes de sua própria singularidade.

Se afastar-se dessa singularidade para tornar-se apenas uma mini-metrópole ocupada com a gestão das contradições de suas favelas e de sua miséria, arrisca-se a detonar fenômenos muito mais perversos, como a síndrome da Ceilândia, em que migração puxa migração e para cada assentamento consolidado surgem milhares de novos favelados.

Essa não é a função de Brasília, onde não se pode permitir que pelo peculiar fato de o Governo ser o dono das terras, confunda-se terra pública com terra sem dono, como não se pode avocar ao GDF a função de alojar e nutrir para sempre levas e levas de desertados do processo capitalista brasileiro.

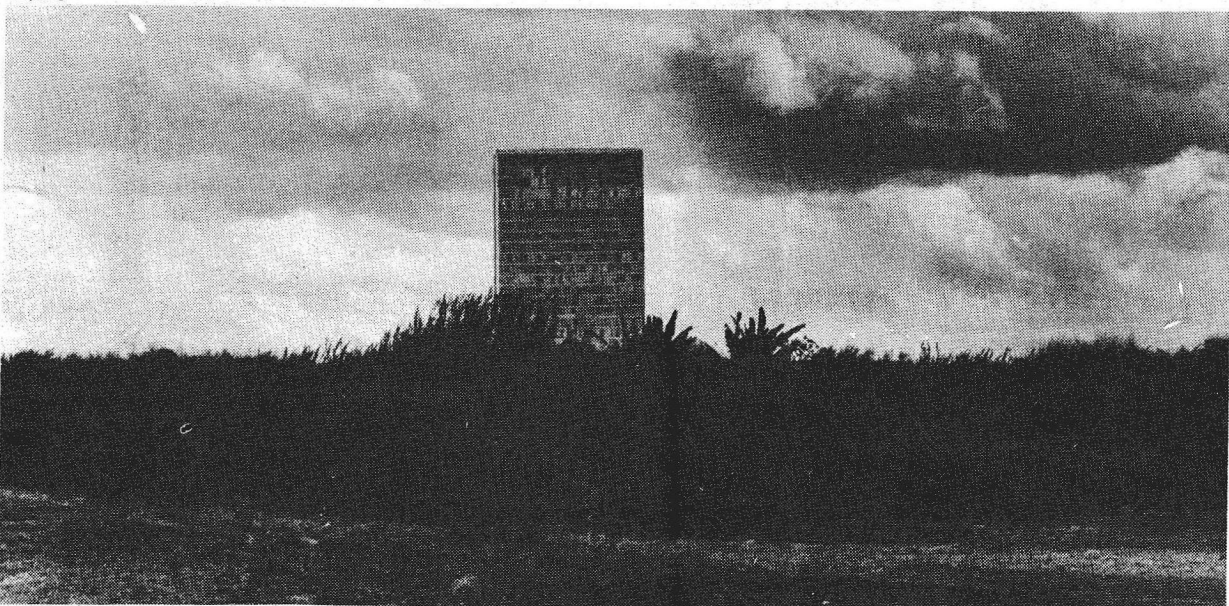
Não é uma postura simpática, mas é uma realidade que deve ser encarada de frente mais cedo ou mais tarde.

Arquivo



Haverá outras possibilidades econômicas para Brasília além da terciarização?

Arquivo



Os espaços urbanos subutilizados serão raros no futuro